



A Inclusão de Alunos com Deficiência Visual nas Classes de Educação de Jovens e Adultos:

Transformando o sujeito e transformando-se com ele

ASSIS, Marilena¹
CORLASSOLI, Adilso Luis P.²

Resumo

As facilidades proporcionadas pelo avanço tecnológico não devem provocar a substituição da leitura e da escrita, através do Sistema Braille, pelas pessoas com deficiência visual.

As contribuições de Vygotski são importantíssimas para a compreensão do desenvolvimento das crianças, entre elas das cegas e das surdas, quando valoriza as ações mediadas e a interação social como meios para a aquisição dos conceitos, da linguagem e do desenvolvimento sociocultural do sujeito. Os educadores devem conhecer o processo de desenvolvimento individual de cada aluno, bem como dos recursos e adaptações necessárias para promover o ensino e a aprendizagem dos alunos com deficiência visual.

A educação ao longo da vida deve respeitar as etapas do desenvolvimento e potencializar cada uma destas fases para que as pessoas alcancem seu desenvolvimento no mesmo tempo e espaço.

O processo de inclusão, realidade em nosso país, está em fase de transição onde a oferta de capacitação ainda não promoveu uma prática inclusiva capaz de garantir a aprendizagem dos educandos com deficiência. Assim estes são considerados alunos potenciais para a educação de jovens e adultos.

Palavras-chave: Inclusão; Deficiência visual; Educação de Jovens e Adultos; Capacitação

Introdução

Vários aspectos necessitam ser considerados no processo de inclusão dos alunos com deficiência visual. Este artigo fundamenta a importância e permanência da utilização do Sistema Braille por ser a maior ferramenta para aquisição da leitura

¹ Licenciatura em Letras - PUC-RS, Capacitação na Área da Deficiência Visual - SEC / FADERS, Especialização em EJA – UNI LA SALLE – CANOAS – RS, Mestranda em Políticas e Gestão da Educação - FACULDADE DOM ALBERTO – Santa Cruz do Sul – Brasil / Centro Latino-americano de Economia Humana – CLAEH Montevideu – Uruguay.

² Professor Licenciado em Matemática pela UFRGS, Especialista em Educação Especial - PUC-RS, Coordenador da Educação Especial SMED-POA e Professor da Rede Estadual do RS.



e da escrita, pelas pessoas com deficiência visual. Aponta a educação de jovens e adultos (EJA), como modalidade de ensino e espaço pedagógico, que acolhe os alunos oriundos das escolas do ensino comum.

Apresenta também estudos de Vigotsky sobre a importância dos estímulos que são específicos e determinantes para as pessoas que possuem deficiência visual ou auditiva, bem como reflexões a partir da prática pedagógica no espaço da sala de aula.

Contexto Atual

Nos últimos anos, temos acompanhado um acelerado avanço tecnológico que vem beneficiando, de alguma forma, a população em geral independentemente de sua condição social, etno/racial, religiosa, cultural e física. As pessoas, utilizam no seu dia-a-dia, algum recurso tecnológico, em suas casas, locais de trabalho, no lazer, e/ou em locais que frequentam em seu convívio social.

Com as pessoas que possuem deficiência visual ocorre o mesmo, elas também podem usufruir dos benefícios da tecnologia. Temos, porém, que considerar alguns aspectos, que vêm ocorrendo no processo de transição na escolarização de forma institucionalizada e a inclusão em escolas comuns do Ensino Regular. Por vários motivos, percebe-se que um público potencial migra para as classes de EJA, pois a inclusão, ainda não oferece as plenas condições para que o aluno tenha os recursos e as práticas pedagógicas que atendam as suas especificidades.

A partir da invenção do Sistema Braille, em 1825, Louis Braille, seu autor, desenvolveu estudos que resultaram, em 1837, na proposta que definiu a estrutura básica do sistema, ainda hoje utilizada mundialmente.

Com o desenvolvimento de novas tecnologias, passamos a vivenciar um processo que vem subjugando o Sistema Braille a uma condição secundária, ou seja, os recursos que deveriam auxiliar e complementar a escolarização das pessoas cegas, por meio do Sistema Braille, vem substituindo sua utilização, de



forma incompleta e por isso trazendo significativos prejuízos no processo de leitura e escrita.

Em face da Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, MEC/SEESP, janeiro de 2008, onde se garante a inclusão dos alunos com deficiência visual, em escolas comuns, tendo o Atendimento Educacional Especializado no turno inverso ao da escolarização, por meio das Salas de Recursos Multifuncionais (SRM) ou Centros Especializados de Educação Especial; além da capacitação de Professores para atuar nesses espaços, há uma distribuição de equipamentos que permitem a impressão de materiais em Braille, sendo facilitado pela produção, a partir da digitalização dos materiais e impressão nas SRM.

Nesse contexto, poderíamos concluir que a leitura e a escrita em Braille, bem como a fatura de materiais impressos em Braille, estariam beneficiando a todos os cegos brasileiros e que esses, teriam maiores possibilidades de utilização e qualidade em sua escolarização. No entanto, o que vem ocorrendo é um fenômeno chamado “desbraillização” dos cegos brasileiros, tendo em vista a substituição direta da leitura e escrita em Braille, pelos recursos computacionais, privilegiando os materiais digitalizados no computador ou materiais em áudio.

Precisamos considerar que, historicamente as classes de EJA têm recebido alunos que vêm egressos do ensino regular diurno. A cada dia que passa, adolescentes e jovens têm aumentado os bancos escolares de EJA. Nesse mesmo contexto, encontramos também adultos, idosos e pessoas com deficiência incluídos. Fica a questão: como desenvolver uma prática pedagógica significativa nesse espaço, tendo em vista as especificidades desses sujeitos?

De forma geral, precisamos considerar que as classes de EJA, com suas especificidades, tentam cumprir o seu papel com a inclusão dos educandos com deficiência visual, porém, nessa perspectiva, muitas são as dificuldades enfrentadas por educadores e educandos nesses espaços.

Conforme documento construído pelo coletivo dos profissionais da educação especial em 2009, “entendemos a Sala de Integração e Recursos (SIR) como serviço de apoio à inclusão prestado por profissionais com formação específica em educação especial para alunos com deficiência intelectuais e/ou com deficiência



visuais e/ou pessoas com altas habilidades e ou surdos de acordo com o perfil da clientela atendida.

A SIR caracteriza-se por uma oferta pedagógica, planejada pela existência de alunos com Necessidades Educacionais Especiais matriculados nas escolas regulares da rede municipal de Porto Alegre. Também tem como meta a previsão de acesso, participação e aprendizagem no ensino regular, fomentando o desenvolvimento de recursos didáticos e pedagógicos que eliminem as barreiras no processo de ensino e aprendizagem.”

Contribuições de Vygotsky

Para Vygotsky (1997), o tato e a audição para os cegos e a visão para os surdos são sentidos que desenvolvem-se naturalmente devido à necessidade de compensar sentidos inexistentes. Um cego ouve e sente melhor que uma pessoa vidente porque se vale destes sentidos para obter informações do mundo externo, assim como o surdo utiliza a visão e vê, através da visão, o que outras pessoas que ouvem não vêem.

As reações condicionadas de um cego e de um surdo são iguais às de uma pessoa sem deficiência, o que difere é apenas a fonte do estímulo e a forma pela qual o mundo se apresenta. Assim, desde o ponto de vista psicológico e pedagógico, a conduta não se difere de uma pessoa sem deficiência. O cego e o surdo são pessoas que vivem no mesmo ambiente físico com todas as capacidades de interagir com este meio, portanto o que difere é a forma da interação e assim se elimina o conceito do defeito e da não adaptação, o que é necessário é que se permita e que se proporcione condições para a interação.

A educação de crianças cegas e surdas não se difere de outra criança, pois o processo de elaboração de novas condutas, de reação condicionada, assim a problemática da educação de crianças com deficiência só podem ser resolvidos a partir de uma pedagogia social. O problema da cegueira e da surdez não está no cego e no surdo e sim na forma como a cegueira e a surdez são vistas socialmente. O conceito social da deficiência difere de uma sociedade para outra, pois está relacionado ao meio sócio-histórico. O que tem de estar presente é a educação da



criança e não a do deficiente, as pessoas com deficiência foram sacrificadas, imensamente, em escolas especiais, quando além de possuírem uma deficiência eram arrancados do seio familiar e isolados do convívio social, não havendo assim interação mútua com o meio.

As pessoas com deficiência devem estar incluídas socialmente aos ambientes organizados e adaptados para possibilitar a acessibilidade necessária para todos.

Normalmente, o cego recebe o conhecimento pronto e verbalizado, não tem oportunidade de experienciá-lo e construí-lo como as demais crianças.

Já os surdos, por terem a visão e o mundo ser essencialmente visual, interagem muito bem com o meio físico. A dificuldade está na interlocução com as pessoas ouvintes e na transmissão de conceitos.

Vygotsky (1991) dedicou-se ao estudo de funções superiores em relação ao momento e o espaço onde se encontra o indivíduo. A relação do homem com o mundo não é uma relação direta e sim uma relação mediada, Vygotsky distinguiu dois tipos de elementos mediadores: os instrumentos e os signos. A invenção e o uso dos signos para auxiliar na solução de problemas são trabalhados por Vygotsky fazendo analogia com os instrumentos, onde os signos são considerados instrumentos facilitadores de uma ação psicológica, onde a memória mediada por signos é mais poderosa do que a não mediada. O processo de mediação sofre transformação ao longo do desenvolvimento do indivíduo.

Quando Vygotsky refere-se ao signo como instrumento mediador do desenvolvimento psicológico e de controle da condição humana, afirma que a mente humana é capaz de desenvolver-se e evoluir para estágios superiores de compreensão e estabelecer relações internas e externas capazes de provocar mudanças significativas no meio social. A relação mediada pelos signos que representam os elementos do mundo, estes cheios de significados alteram e promovem uma construção mental capaz de dispensar o elemento concreto, mas quando o trabalho é com pessoas cegas, estes elementos devem ser representados através de objetos concretos a fim de que a pessoa cega possa construir signos a partir de um elemento concreto e em momentos posteriores, abstrair e construir novos signos. Todo elemento está cheio de significados assim como o mundo está repleto de significados culturais, sociais econômicos, históricos etc. A cultura não é algo estático, é algo que se transforma, que se negocia, pois toda pessoa deseja



que sua cultura seja reconhecida e valorizada, assim esta cultura cheia de significados, deve ser mostrada para que outras pessoas possam conhecê-la e se não absorvê-la, respeitá-la e conviver .

O significado de cada palavra é uma generalização ou um conceito, assim uma palavra sem significado é uma palavra sem som, assim as pessoas cegas necessitam ter acesso a instrumentos que possibilitem a construção desses significados.

Vygotski, Luria e Leontiev (1988), trabalham com duas funções básicas da linguagem: a de intercâmbio social onde usa a linguagem, sons, gestos e expressões para comunicar-se. Aqui a pessoa cega necessita aprender gestos, expressões e o significado de algumas palavras que tem seu significante maior na visão, de maneiras distintas a de uma criança com visão, pois a criança cega não imita. A segunda função é a do pensamento generalizante: onde a linguagem ordena o real classifica, organiza, e diferencia categorias de elementos.

O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO E DA LINGUAGEM

Vygotsky trabalha com a história e o desenvolvimento da espécie humana. A evolução de um indivíduo é chamado filogênese e o desenvolvimento é chamado de ontogênese. Existe a trajetória na linguagem desvinculada da trajetória do pensamento e vice-versa, mas num determinado momento da trajetória filogenética estas duas trajetórias se unem e o pensamento passa a ser verbal e a linguagem racional, a associação entre pensamento e linguagem é atribuída à necessidade de intercâmbio entre os indivíduos, principalmente em função do trabalho, a necessidade de trocar informação fez da linguagem um instrumento de comunicação social. O surgimento do pensamento verbal e da linguagem como sistema de signos é momento em que o biológico transformou-se no sócio-histórico.

A EVOLUÇÃO DA ESCRITA NA CRIANÇA



Vygotsky diz que para entender o desenvolvimento da escrita é necessário entender o que ele chama de a pré-história da linguagem escrita, a aquisição da escrita começa antes da criança chegar na escola, a escrita é um instrumento baseado em signos que servem para auxiliar e organizar o pensamento e possibilita a transmissão de idéias. As considerações de Vygotsky sobre a aquisição da escrita têm semelhança com a forma de trabalho de Ferreiro e Teberosky (1987), onde a aquisição e o desenvolvimento da escrita perpassa o sócio-histórico. O que se deve trabalhar com as crianças é o desenhar, o brincar e depois passar de um registro de objetos concretos para o desenho de signos que representam estes objetos, o que se deve ensinar é a linguagem escrita e não a escrita de letras.

INCLUSÃO ESCOLAR

O sucesso escolar de alunos com deficiência visual é um dos desafios da inclusão. Embora, de acordo com os teóricos do desenvolvimento, a deficiência visual em si não constitua um obstáculo necessário para o desenvolvimento e para a aquisição de conhecimento, a trajetória escolar de muitas crianças com deficiência visual acaba sendo mal-sucedida devido a um conjunto de fatores que envolvem desde os serviços de detecção e a intervenção precoce, incluindo-se, aí, a assistência à criança e a orientação à família, até a instrumentalização dos professores para utilizar, com cada faixa etária e com cada criança, os recursos que promovam o interesse e a participação plena nas atividades da escola. O trabalho orientado nessa direção deve integrar conhecimentos sobre desenvolvimento, aprendizagem e necessidades específicas desse grupo, assim como informações sobre o estilo pessoal de cada aluno e sobre o comportamento do grupo em que está inserido. Os exemplos de confecção e uso de materiais acessíveis em atividades concretas e projetos de ensino remetem ao conjunto de informações que constitui a base sobre a qual as estratégias pedagógicas serão construídas, utilizando-se recursos específicos, materiais diversos e pequenas adaptações, segundo a necessidade.



O foco na dimensão social da aprendizagem, aliado à remoção de barreiras e às estratégias que favoreçam o uso coletivo de materiais e a cooperação, permitirá ao professor usar recursos que utilizem diferentes sentidos e organizar a sala de aula de modo que ela seja acessível a todos.

É necessário construir técnicas e recursos de apoio ao processo de inclusão para instrumentalizar e qualificar o fazer pedagógico.

Os alunos com deficiência, na grande maioria, tem acesso aos materiais e recursos que necessitam somente no espaço escolar ficando privado de brincar e estudar em outros espaços.

Referências:

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese Da Língua Escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. 284 p.

VYGOTSKI, Lev Semiónovic. Tomo V, Fundamentos de Defectologia. Madri: Visor, Obras Escogidas, V. (1997)

VYGOTSKI, L. S.; LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. Linguagem, desenvolvimento, e aprendizagem. São Paulo: Editora Ícone, 1988.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.